

**A FILOSOFIA E O PENSAMENTO SOCIAL/ A CONCEPÇÃO CIENTÍFICA
DO MUNDO E O PÓS-MODERNISMO**

OSWALDO PALACIOS – PORTA-VOZ NACIONAL DO PCMLE

Tradução: Lucas Marcelino

Revisão: Simone Soares

Apresentação

Apresentamos nesta oportunidade dois trabalhos do camarada Oswaldo Palacios, porta-voz do PCMLE, sobre a “filosofia e as ciências sociais” e “a luta da filosofia materialista dialética contra o pós-modernismo”, que visam despertar o interesse pelo conhecimento mais qualificado da concepção filosófica do proletariado revolucionário, o marxismo-leninismo, assim como para intervir – do ponto de vista dos revolucionários - no debate, na luta de ideias que existe nesse momento, no movimento político e social, nos fóruns e outros espaços, onde se exige a presença da ideologia da esquerda revolucionária.

Nosso objetivo estaria bem realizado se é que os militantes comunistas, os homens e as mulheres de esquerda, os revolucionários, os dirigentes das organizações populares e todas aquelas pessoas que se importam pelas tarefas intelectuais – desde o ponto de vista das ideias avançadas – acolham bem este modesto trabalho, o estudem, o debatam, e as conclusões a que chegarem, aproveitem-nas para destrinchar de melhor maneira os problemas ideológicos e práticos da atividade do partido do proletariado, do movimento social e político, do movimento acadêmico e da própria vida da nossa sociedade; para sustentar e contribuir, a partir de diversos ângulos, ao propósito avançado de orientar e dirigir os combates populares, a mudar o sistema, contribuir também deste modo, à luta revolucionária.

Edições Ventos do Povo – Frente Popular

A FILOSOFIA E O PENSAMENTO SOCIAL

Uma das primeiras preocupações do homem como habitante do planeta, foi enfrentar suas necessidades de sobrevivência, encontrar a maneira de existir e dar continuidade a sua espécie; assim teve de lidar-se prioritariamente da produção de todos aqueles bens materiais que lhe permitiam esse propósito; mas também é verdade que em muitas oportunidades lhe assaltavam outras preocupações não só de âmbito material mas também, por exemplo, conhecer o lugar que ocupa como ser no mundo e na vida da sociedade. Como é esta, para onde se dirige, de onde provém etc.?

Ao longo dos séculos podemos examinar como os seres humanos têm resolvido as questões relacionadas com a produção, fazendo precisamente desta, uma atividade social, na qual participam, de um modo ou de outro, os integrantes de toda a sociedade. Atendendo às características próprias do desenvolvimento dos distintos povos e atendendo às diversas características geográficas, históricas, sócias e culturais, têm-se desenvolvido também diversos modos de produção, maneiras como a sociedade tem buscado enfrentar e resolver os problemas da existência.

Mas, paralelamente a isso, também os homens e mulheres têm buscado explicações a outros problemas – que além da produção de bens materiais – têm despertado suas preocupações. A exposição e solução desses problemas capitais formam parte de um processo complexo, que vem desde os tempos remotos e desde os estágios mais primitivos – na medida como a espécie humana vem compreendendo, decifrando e dominando a esfera natural, social e do pensamento – até a época contemporânea, na qual, diferentes correntes filosóficas e sócio-históricas, tratam de responder a essas grandes interrogações.

Em distintos momentos da vida social, por diferentes razões, os homens e os povos, diminuíram ou até mesmo esqueceram – temporariamente – essas preocupações sobre os problemas gerais da existência da sociedade e do indivíduo; mas em outros momentos do desenvolvimento, das mudanças, muitas vezes imprevistas e surpreendentes que ocorriam nas coletividades, se renovavam as preocupações, as reflexões, o debate e a contraposição de ideias, que bem podemos dizer, passo a passo, os homens e os povos foram depositando noções, fragmentos e fundamentos, até estruturar um saber científico que nos permite dotar-nos do “fio condutor” para compreender e desvendar os principais problemas da vida da sociedade, um saber que as Ciências Sociais contemporâneas tomam como um pilar fundamental dentro de suas análises e conclusões.

Certos povos e seus homens têm alcançado proeminência e têm se destacado na tarefa de estruturar um saber científico sobre a sociedade e o papel do indivíduo dentro dela; seus nomes têm passado à posteridade, já que souberam sintetizar ou, de certo modo, adiantar-se ao pensamento de sua época, ir

descobrimo as ligações, as inter-relações, as concatenações dos fatos e fenômenos sociais e contribuiram na exposição de alguns desses grandes problemas ou parte deles. Problemas que, sem dúvida, se encontram acima de outras questões específicas na esfera do conhecimento do universo material, da natureza e do pensamento.

Na Índia, Egito, China e na Grécia Antiga, mas também em nossos povos originários da América, se destacavam quem tratava de compreender a origem dos fenômenos naturais; as explicações de Demócrito e Epicuro acerca da existência do átomo, por exemplo, são as primeiras formas – espontâneas e ingênuas – de um pensamento científico. Mais adiante serão os fundamentos de Galileu, Copérnico e Kepler, sobre o movimento dos planetas e o lugar que a Terra ocupa em relação ao Sol; as elaborações dos primeiros materialistas sociais que se opuseram à visão escolástica, idealista, da sociedade, como Francis Bacon e Tomas Hobbes na Inglaterra e depois Holbach, Helvétio e Diderot na França ou Ludwig Feuerbach, na Alemanha.

As ideias gerais sobre a existência do homem e da sociedade, do papel que este cumpre dentro dela, da fonte de onde provém a dinâmica com que se move o desenvolvimento da mesma, tem sido conformado dentro de um processo contraditório; ao mesmo tempo em que a espécie humana tem adquirido um melhor domínio do universo material, da sociedade e da natureza.

A própria sociedade, em geral, tem sido o cenário de mudanças. Algumas vezes lentas, quase imperceptíveis, graduais, em outros momentos, rápidas, profundas e revolucionárias. Essas mudanças, do ponto de vista material, têm gerado novos pensamentos, novas noções, outros fundamentos a respeito da vida social, das relações entre os homens e inclusive outras instituições. Tem contribuído para afirmar as ideias e conceitos que mais correspondem aos estágios avançados que a sociedade vai alcançando em seu desenvolvimento; enquanto que as ideias atrasadas foram ficando a margem, foram desalojadas como inapropriadas, não usuais ou errôneas, perdendo sua vigência, dando lugar às ideias avançadas, que por sua vez garantiram essas mudanças, as legitimaram na órbita do pensamento.

A sociedade humana, devido à sua particular estrutura, ao caráter ativo e único – exclusivo – na elaboração de ideias, dos seres que a compõem, é a forma mais complexa da existência material do universo. Este é o ponto de partida para falar de uma concepção científica da sociedade.

Quer dizer que, partindo do caráter material da existência da sociedade, podemos dizer que ela, em seus aspectos gerais e específicos, é um objeto concreto que pode ser conhecido; claro que esse conhecimento pode ser empírico, subjetivo ou também científico, objetivo. Em alguns momentos, quis-se aplicar ao conhecimento da sociedade os mesmos conceitos e até os métodos utilizados para o conhecimento da natureza, o que trouxe como consequência algumas visões totalmente deformadas a respeito do conhecimento da sociedade. Conceitos da biologia, da física, da mecânica, quiseram impor-se na hora de compreender e decifrar as características da sociedade e seu

desenvolvimento; o materialismo vulgar de Vogt e Moleschott se encontra como um dos expoentes dessas posições.

Em outros momentos, tratou-se de se concentrar o conhecimento da sociedade completamente à margem de sua relação com a natureza. Rickert e Windelband, dois filósofos alemães neokantianos do século XIX falavam do método nomotético ou generalizador para empregá-lo nas ciências naturais e de outro, o ideográfico ou individualizador, para utilizá-lo para as ciências históricas, sendo os dois, métodos antagônicos. Segundo esta corrente, os processos sociais e históricos não estão regidos por leis e, portanto, não é possível ter uma compreensão racional dos mesmos.

Ademais, os diversos expoentes do pós-modernismo negam a possibilidade de conhecer cientificamente a sociedade e, portanto, sustentam que esta não se desenvolve com respeito a nexos internos, objetivos e reiterados, como são as leis que regem seus processos e fenômenos.

É necessário entender que diversos fenômenos e processos sociais são o objeto de estudo de diferentes ciências particulares como a história, a economia, a política, o direito, a antropologia, a arte, a ética etc. Cada uma delas abarca, efetivamente, um aspecto específico, particular, da vida social; estudando-as e compreendendo-as se avança significativamente no conhecimento dela, do papel que cumprem as classes e grupos sociais no estado, os homens e as mulheres, as nações e nacionalidades, os povos.

No entanto, existem questões mais gerais acerca da vida da sociedade que não são objetos de estudo dessas ciências particulares e que só podem ser objeto da filosofia das ciências sociais. Essas questões gerais têm a ver – por assim dizer – com os grossos traços da vida da sociedade. Por exemplo, existem um automovimento da sociedade? De onde provém? Esse automovimento é errático ou tem uma direcionalidade? Qual é esta? O desenvolvimento social tem um nexos interno, uma continuidade, um vínculo que o faz reiterado, imanente? Como entender o processo histórico-natural com que se mostram as diferentes formações sociais? As grandes mudanças operadas no mundo e a sociedade ao final do século XX e no início do terceiro milênio eliminaram esses nexos objetivos, regulares e reiterados, no desenvolvimento das sociedades?

Para ter uma completa noção sobre o desenvolvimento da sociedade, de seu movimento e de suas mudanças, foi necessário atravessar um complexo processo de prática social, de análise e síntese, de conclusões, elaboração – com não poucas correções – que foram afinando pelos séculos, como resultado de uma abordagem e conhecimento cada vez maior da realidade e também pelos avanços alcançados nas diversas áreas do conhecimento científico, nas ciências naturais, sociais e do pensamento.

O mesmo pensamento científico, em geral, precisou atravessar diversas etapas do desenvolvimento e no meio dele, foi se construindo a concepção científica sobre a sociedade.

Nas sociedades primitivas, o limitado conhecimento sobre a natureza e a vida social tinha um incipiente núcleo científico e se encontrava mesclado e confundido por visões empíricas, distorções fantásticas, deduções errôneas, etc. mas o homem, ao cumprir a principal função que lhe permitia sua sobrevivência, ou seja, o desenvolvimento da produção social, ia desvendando da melhor maneira os “mistérios” de seu entorno natural e compreendendo, sintetizando, sua vida social, sua prática dos conhecimentos empíricos extraídos da experiência prática direta, vai passar para um conhecimento teórico, por meio de múltiplas elaborações e sínteses, de um processo de comprovação e reiteração dos resultados, quando as próprias necessidades da produção exigem um maior desenvolvimento.

A produção social, para alcançar sua expansão com o surgimento do capitalismo, contribuirá no desenvolvimento do saber científico na esfera das ciências naturais, com as invenções, os avanços técnicos e um melhor conhecimento e domínio da natureza. Mas o advento do capitalismo reúne profundas mudanças na vida da sociedade: confrontos sociais, revoluções; nova ideias e conceitos que a classe burguesa em ascensão tem sobre os mais diversos assuntos públicos e privados; novas concepções sobre a sociedade, o estado, o governo, o desenvolvimento, a educação, a família etc. Isso provoca na cena do pensamento social, político e filosófico essas novas correntes e posições provoquem o debate, enfrentem as anteriores concepções feudais e abram caminho a uma sustentação mais categórica das bases e deduções filosóficas da cosmovisão.

Assim a ciência foi se estabelecendo como um sistema de conhecimentos cada vez mais sintonizados com a realidade concreta, que constituem uma síntese da prática avançada, já que foram surgindo dela e por sua vez são confirmados por ela.

No campo da ciências sociais, o período ascensional do capitalismo nos séculos XVII e XVIII significou um florescimento das mesmas, já que a nova classe social que se encontrava no timão das transformações econômicas, políticas, que era a burguesia, necessitava de um sistema de pensamento, de algumas concepções, de uma filosofia, que legitimaria os fundamentos de sua irrupção no cenário da história, ao mesmo tempo que sua dominação.

Só no século XIX quando o capitalismo vai afirmando seus domínios em todo o globo, quando as concepções burguesas e sua ideologia vão consolidando posições nas esferas do pensamento e da vida social, quando se tornaram defensoras do sistema que haviam implantado, tornando-se “conservadoras”, é que se começa a sintetizar e formular uma nova concepção, que partindo da síntese da experiência histórica da sociedade, é capaz de fundamentar em um novo nível de desenvolvimento da ciência, os conceitos sobre os problemas gerais do movimento da sociedade, a interpretar e explicar correta e coerentemente seus fenômenos, a conhecer de maneira integral, multilateral sua origem e seu desenvolvimento.

Deste modo surgiu a concepção marxista-leninista, a filosofia das ciências sociais, que não é senão a concepção científica que fundamenta, de maneira objetiva, aqueles problemas capitais a que nos referimos.

E por que sustentamos que esta concepção é científica? Porque, em primeiro lugar, todos os seus postulados têm como base, se apoiam, nas noções científicas mais avançadas de nossa época; quer dizer, não buscam explicações fantásticas, mas além das características próprias do mundo material, não se baseiam em dogmas ou interpretações arbitrárias ou deformadoras da realidade.

Do mesmo modo, a concepção marxista – com a contribuição de V. I. Lênin e outros destacados teóricos revolucionários - contribui com a categórica inclusão de leis objetivas, que regem o processo de desenvolvimento e movimento da sociedade, da natureza e do pensamento. Essas leis existem como nexos internos, reiterados, independentes da vontade e inclusive da consciência dos homens, por meio dos quais, se concatenam os distintos processos e fenômenos na vida social, na natureza e na esfera do pensamento.

A partir da elaboração científica marxista é que se permite compreender de maneira coerente, a sucessão histórico-cultural das formações econômico-sociais, através da história da humanidade. O mesmo conceito da formação econômico-social como “um sistema de fenômenos e relações sociais unidos internamente e dependentemente uns dos outros” (V. I. Lênin), é que permite pela primeira vez ter a noção de que todos os aspectos da vida social estão vinculados, concatenados entre si, desde as maneiras como os homens se vinculam para enfrentar a produção, até os elementos da vida espiritual da sociedade, as ideias e concepções, as organizações e instituições sociais e as instâncias ideológicas que fazem parte da mesma.

Podemos assim entender que a produção material é a principal atividade do homem, que não pode ser substituída já que dela depende sua própria sobrevivência. Depois de localizar o lugar prioritário da produção, do modo de fazê-lo; do caráter determinante – não exclusivo – do que constitui a base econômica da sociedade e do lugar da sua superestrutura, é que se tem uma forma objetiva, concreta, de assimilar o conhecimento da realidade.

A concepção filosófica marxista da sociedade não descobriu a existência das classes sociais, nem a confrontação que elas desenvolvem desde seu surgimento. Mas sim, assinalou que a luta de classes conduzia a uma nova forma de estado, diferente de todas que haviam existido na humanidade até o capitalismo; que o confronto de interesses entre opressores e oprimidos, explorados e exploradores, existe no cenário internacional e nacional; a forma como produzem esses confrontos; ainda que há momentos que parece disfarçar ou camuflar o enfrentamento das classes, não é menos verdade que os interesses das mesmas fluem várias vezes – diríamos que, especialmente, em momentos de crise - se enxerga com maior nitidez como os “de cima” fazem esforços sobre-humanos pra manter seu domínio, seus privilégios, “fazer valer” seus poderes e como “os de baixo” lutam para defender-se do estrago que querem fazer seus contrários.

A concepção filosófica marxista tem estado ligada indissolavelmente à luta na arena política pelo estabelecimento do regimes socialistas, como uma nova sociedade, ,como um sistema econômico, político e social, diferente do capitalismo, que seja precisamente sua negação; sistema que foi se instaurando em um processo, em uma série de países durante o transcurso da primeira metade do século passado e que por razões plenamente explicáveis no campo da economia, da política e das ciências sociais em geral, fracassou em seus primeiros ensaios para erigir-se nessa nova sociedade. O colapso do chamado “socialismo real” fez com que o capitalismo mundial, seus filósofos e pensadores, aproveitassem a “queda do muro” e a dissolução da URSS para formar uma campanha mundial na qual se considera fora de vigência e inclusive sepultado o marxismo-leninismo.

Daí que, com todos os elementos supostamente a seu favor, o pensamento pós-moderno de Karl Popper, Jean-Francois Lyotard e outros filósofos e historiadores contemporâneos tenha aproveitado essa circunstância histórica para proclamar que toda a concepção sobre a sociedade e a natureza havia caducado historicamente, para manter em um pedestal o “pensamento civilizado do capitalismo”, que “não é possível prever o futuro da sociedade” (K. Popper), senão apenas conhecer as conexões que se apresentam nas diversas áreas da sociedade como tal.

A pós-modernidade, como o pensamento filosófico contemporâneo da burguesia, significaria aquilo que vem logo após ter sido superada a modernidade. O triunfo da economia de mercado e da democracia liberal – segundo eles – é o cume do desenvolvimento que pode alcançar a humanidade; além disso está somente o “aperfeiçoamento dos paradigmas”. Isso significaria que a pós-modernidade é a etapa em que a história e as ideologias chegam ao fim, onde “vale tudo” para afirmar e sustentar esses triunfos da sociedade ocidental.

Insiste-se com muita firmeza que agora não é possível prever o que segue ou o que virá no desenvolvimento da sociedade, negando a continuidade histórica das distintas formações sociais, da inexistência de leis que regem o desenvolvimento da sociedade e, claro, não admitir a marcha da humanidade para o socialismo, para tratar de apagar essa perspectiva da consciência dos povos. Daí que seja uma necessidade no impulso da ação revolucionária de nossos dias desmascarar os fundamentos da filosofia pós-moderna e as manifestações da mesma nas diferentes áreas da vida social: política, educação, cultura, ética e moral, etc.

A verdade é sempre néscia. A campanha, por certo muito barulhenta, dos defensores do capitalismo como sistema político supostamente insubstituível e de todas as concepções filosóficas sobre as quais assenta seu domínio – especialmente o pós-modernismo – em nossos dias não poderá acabar o processo tão complexo e objetivo que tem permitido à ciência social através dos tempos acumular um acervo teórico, científico inegável que novamente estará presente para enfrentar o dogma com a verdade e ao preconceito com a ciência.

(Palestra apresentada no Encontro Nacional de Filosofia, organizada pelo Colégio Nacional “Mejia” da cidade de Quito, em abril de 2001. Publica-se com algumas correções e adições realizadas pelo autor.)

A CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO E O PÓS-MODERNISMO

Durante os últimos anos, em diversas áreas acadêmicas e educativas a nível internacional, em alguns órgãos de imprensa, em várias obras dedicadas aos temas sociais, mas sobretudo nos cenários políticos, tem-se difundido com muita confusão por parte de certos filósofos, analistas e cientistas políticos, um conjunto de ideias e concepções agrupadas sob o nome de pós-modernismo, cuja verdadeira essência busca negar, distorcer ou anular os fundamentos com os quais o marxismo-leninismo, como concepção filosófica científica, chegou a desvendar o modo como se produzem os processos de mudança, de desenvolvimento objetivo da natureza, da sociedade humana e o pensamento, com o qual contribuiu também na localização dos elementos que convergem na transformação da sociedade.

Quais são os pontos de vista dos pós-modernistas?

Uma série de correntes, “escolas” e pensadores localizados sob esse título convergem na intenção indicada, qualificando o marxismo como um “paradigma já superado”, devido às mudanças que têm ocorrido no mundo atual; adicionam que os postulados materialistas não têm contribuído para a solução dos problemas da humanidade e que, pelo contrário, os têm agravado; que são “obsoletos” ou que tiveram o propósito de gerar visões equivocadas ao examinar a história ou os acontecimentos mundiais.

Segundo eles, por tudo que agora está acontecendo no mundo, pelas grandes transformações produzidas no campo da ciência, da técnica e da sociedade em geral, não é possível desenvolver uma interpretação real dos fenômenos, especialmente sociais, muito menos definir uma linha de pensamento que permita prever o desenvolvimento da sociedade humana, estabelecer “o que virá” depois do capitalismo e compreender que os povos, as classes sociais ou coletividades são o sujeito protagonista das mesmas mudanças que estão se desenvolvendo; que a dependência, a exploração e a miséria foram deixadas pra trás pela pós-modernidade, superando aqueles “grandes relatos” (ou meta-relatos) com os que viveu a humanidade no passado.

Qual é o verdadeiro significado de levantar esses argumentos?

Dito em outras palavras, para estes filósofos e analistas não é possível à ciência conhecer corretamente o mundo que nos rodeia, nem interpretar a essência de seus fenômenos e tampouco transformá-lo. Para eles, não é possível prever “o que se segue”, “o que virá” no desenvolvimento da sociedade, após o atual sistema econômico e político. Com essas argumentações, está exposto o regresso ao cenário do combate histórico que a concepção científica dialética teve – e de fato, segue tendo – frente ao idealismo filosófico, que justamente estabelecia a impossibilidade de que os homens e mulheres possam conhecer o mundo, indagar e descobrir os processos com os quais se transformam, se movem, mudam a natureza, a sociedade e o pensamento.

Há tempos, o materialismo dialético e histórico, como a concepção filosófica científica da classe trabalhadora, estabeleceu que devido a única essência

material do universo e a origem de seus fenômenos, é possível conhecê-lo, descobrir seus processos internos, chegar a transformá-lo e no caso da sociedade, localizar qual é o papel que os homens, as classes sociais avançadas e as coletividades jogam no complexo panorama dos acontecimentos; enquanto que para os pós-modernistas a existência das classes e da luta de classes, a localização de um sujeito histórico que protagoniza os acontecimentos das sociedades e da humanidade, só se trata de uma elaboração artificiosa dos pensadores marxistas e que a exploração e opressão das maiorias não é senão uma reflexão grosseira no mundo de hoje, onde a “ciência e a técnica”, o desenvolvimento incomum das comunicações e o “pensamento global” os eliminaram, se é que algumas vez existiram.

Quais são as concepções que originam estes pontos de vista?

De início existe um manejo arbitrário e errôneo, idealista, sobre os conceitos de modernidade e pós-modernidade. Os filósofos e analistas burgueses, coincidindo em alguns aspectos com os revisionistas, tem derivado em uma análise unilateral e estática sobre essas categorias, chegando a conclusões equivocadas, mas sobretudo, interessadas, sobre a realidade.

O moderno, por exemplo, tem tratado de entender-se arbitrariamente como o atual, o novo, o contemporâneo, sem mais nem menos, sem levar em conta a diversidade dos processos de desenvolvimento e a superação permanente, mas às vezes desigual e diferenciada dos diversos estágios e áreas da sociedade.

Uma compreensão estática do fim, ou puramente cronológica, conduz a equívocos, pois se algo foi moderno ontem, segundo a concepção dos filósofos burgueses atuais, já não é hoje, e, portanto, é pós-moderno, supostamente. Esse juízo, unilinear, não leva em conta o desenvolvimento dos processos onde atua o movimento, a mudança permanente, a oposição dos contrários, a negação dos estágios anteriores, etc... e a partir dessa ótica a superação de todo o moderno ao apresentar-se como o pós (“depois de” NA) modernismo, converte a visão do desenvolvimento e da mudança em uma questão mecânica, plana e completamente ao acaso, niilista, sem observar as leis dos desenvolvimento das sociedades, suas mudanças, que a vida está mostrando a cada momento, etc.

Deste ângulo de pensamento, o capitalismo como sistema econômico, social e político é visto por esses autores como parte da modernidade, do novo e atual, que foi “superado”, sem mencionar os processos que levarão a sua caducidade histórica, ao caráter parasitário e agonizante em sua face imperialista, a última de sua vigência. Se fala agora que a mundialização da economia ou globalização, tem reduzido as fronteiras do mundo ao de uma “aldeia global”, onde tem desaparecido as antigas contradições sociais, os velhos antagonismos, pois a “sociedade da comunicação”, do auge das inovações tecnológicas e eletrônicas, os caminhos da internet, a bioengenharia ou a robótica, têm “virtualizado” os antagonismos sociais, tem neutralizado a luta de classes.

O que dizem os filósofos pós-modernos sobre as mudanças sociais, da sua necessidade e vigência?

Para o pós-modernismo já não estão mais em vigor os paradigmas da mudança social, das revoluções, da transição de uma sociedade a outra; portanto, o capitalismo como “sociedade civilizada”, como produto “o mais avançado” já gerado pela humanidade, curiosamente, não tem sido negado pelas mudanças atuais, mas sim, que melhor busca “aperfeiçoar-se”, pois ninguém fala (supostamente) de seu desaparecimento.

E qual é a opinião dos pós-modernos sobre o marxismo-leninismo?

No caso do marxismo-leninismo, os filósofos e analistas pós-modernos, também o incorporam como uma doutrina do pensamento que forma parte da modernidade, já superado histórica e metodologicamente na atualidade, pelas mudanças ocorridas na sociedade.

A queda do Muro de Berlim, a dissolução da União Soviética, a derrota do socialismo, a “síndrome do desencanto”, a “síndrome da impotência”, apontaram – segundo tais autores – a “derrota do materialismo” como concepção filosófica científica e a “impossibilidade” deste para examinar os processos sociais e menos ainda indicar alternativas de mudança.

Esta análise não leva em consideração de maneira alguma os processos ocorridos na sua real dimensão histórica, com seus limites e suas projeções; com seus períodos de avanço e de inflexão, de auge e de refluxo; precisamente o desenvolvimento “em espiral” e em “zigzag”, que o marxismo-leninismo havia assinalado desde quando se fundamentaram os pilares da sua própria concepção.

Acusam o marxismo-leninismo de ter concebido a instauração do socialismo, por exemplo, como um processo irreversível e definitivo, quando as obras fundamentais dos mesmos clássicos – de Karl Marx, entre outros – fala que a revolução proletária e o socialismo não se instauram no desenvolvimento da humanidade, depois de vários processos e negações de si mesmos, de diversas tentativas até conseguir vencer a resistência, as pretensões e as ações da burguesia mundial, do imperialismo, para derrotá-los.

Também é necessário entender que todos os acontecimentos, todas as mudanças, os novos fenômenos que estamos vivendo, examinados à luz da ciência de nosso tempo, de seus avanços, não contribuem ao próprio desenvolvimento do marxismo como doutrina do pensamento, cuja natureza a mantém atenta e aberta às mudanças, à sua permanente atualização, aperfeiçoando-se como doutrina da transformação social.

Quando os filósofos pós-modernos inserem o marxismo dentro da modernidade, sem considerar sequer seu papel de origem, contraditório e antagônico, frente ao capitalismo, há uma surpreendente falta de rigorosidade científica e metodológica.

É sabido que o marxismo-leninismo surge na esfera do pensamento, como concepção de mundo, para ser a antítese do pensamento burguês e propor um sistema de ideias precisamente ao contrário da burguesia, com a possibilidade real não somente de interpretar os fenômenos sociais, senão também de transformar a mesma sociedade. A versão falsificada do marxismo-leninismo – que sustentam os pós-modernos – nega a contribuição que a teoria dos trabalhadores tem desenvolvido com relação a compreender, decifrar, analisar e sintetizar todo o processo anterior dos acontecimentos da humanidade, os intrincados fenômenos da natureza e do pensamento.

Simplesmente concluem que o pós-modernismo “deixou para trás a modernidade”, entendida como o caráter imperialista do capitalismo, e que agora o “estabelecimento” converteu-se em uma sociedade civilizada. No pós-modernismo, a existência de classes sociais, da luta de interesses das mesmas, da exploração e opressão, fora também “superadas” e o marxismo-leninismo como doutrina do pensamento foi superada amplamente pelas novas condições em que se desenvolve o mundo, a sociedade atual.

Quais são os outros elementos dos quais se vale o pós-modernismo na tentativa de legitimar o sistema capitalista?

Vale indicar aqui que outros pensadores burgueses e revisionistas buscam identificar o moderno com o progresso das ciências e da técnica, ou seja, interpretando a modernidade como as inovações industriais, científicas e técnicas, pregando suas realizações no âmbito econômico, para demonstrar que seu produto mais acabado é o capitalismo liberal e, atualmente, a globalização; no âmbito político, se coloca a democracia burguesa como a base mais elaborada da modernidade no âmbito social, são colocados na mesma medida os processos de urbanização.

Dando uma utilização arbitrária aos conceitos de modernidade e pós-modernidade, compreendendo-os como uma espécie de compartimentos estáticos e puramente cronológicos, desconhecendo seus processos internos de desenvolvimento, as ligações que se manifestam no interior dos fenômenos, sua interrelação, tem-se uma visão linear do desenvolvimento social – não como um processo contraditório de negações – todo o qual induz a uma legitimação do sistema de opressão e exploração. Com esta percepção trata-se de colocar aos indivíduos a necessidade de defender o avanço, o progresso, a “modernidade”, o “atual”, sem nenhum tipo de discernimento, dentro do qual está disfarçado o capitalismo, que se apresenta como um regime avançado, maquiado, para ocultar sua sinistra e mortífera face.

Quais são alguns dos principais representantes destas concepções?

O filósofo francês Jean-Francois Lyotard é um dos destacados representantes do pós-modernismo e propõe que a pós-modernidade compreende a existência de mudanças na percepção do tempo, do espaço, da comunidade humana, que são “difíceis de precisar”. A pós-modernidade “não se situa nem depois, nem contra a modernidade, ainda que apareça oculta, a inclui”.

Não é possível por acaso o homem ou a mulher precisar as mudanças que ocorrem no entorno natural e social?

Aqui, precisamente, se mostra o caráter idealista do pensamento de Lyotard e seus seguidores, ao examinar a relação entre modernidade e pós-modernidade. Claro que as mudanças sociais ocorrem, as ideias e conceitos científicos naturais mudam e evoluem também; as ciências naturais e sociais podem estabelecer, examinar e localizar quais são essas mudanças, em um processo de aproximação e percepção objetiva da realidade.

A “dificuldade” de precisar as mudanças que ocorrem no universo e na sociedade, provém das visões subjetivistas, de quem parte do conceito de que o mundo não pode ser realmente conhecido, já que ele é – segundo eles – um reflexo de nossa consciência. Quer dizer, para eles, as ideias, a consciência, a subjetividade, antecedem as realidades materiais, os fenômenos objetivos. A chamada Idéia Absoluta ou Razão Universal é o ponto de partida, a origem, o criador de todos os processos e fenômenos. A filosofia materialista-dialética, ao contrário, sustenta que nossos conceitos no desenvolvimento contínuo, estão em condições de refletir os fenômenos objetivamente reais.

Mas se a modernidade e a pós-modernidade têm o propósito de mostrar o sistema do capitalismo liberal (imperialismo) e da democracia burguesa como os produtos mais refinados das mesmas, então as duas não se excluem, nem se opõem; de fato, uma contém a outra, como o disse Lyotard.

Segundo estes filósofos, como se produziu o advento da pós-modernidade?

Entendendo os problemas do mundo por este ângulo, os pós-modernistas sustentam que a modernidade não foi esquecida, nem abandonada, mas sim sofreu um processo de liquidação que tem ocorrido, porque os grandes postulados (metanarrativas), que eram os que legitimavam a modernidade, chegaram a decadência. Também “a narrativa da decadência e da recusa acompanham a humanidade desde os tempos de Platão, na Grécia Antiga e por este ponto de vista, na verdade, nada mudou no mundo”.

Quais seriam estas grandes metanarrativas ou postulados fundamentais que, segundo os pós-modernistas, caducaram?

Estes filósofos, por exemplo, argumentam que “a humanidade estabeleceu em seu discurso os relatos que se referem a emancipação progressiva da razão e da busca da liberdade” que hoje em dia, pelas mudanças ocorridas no mundo, supostamente deixaram de lado a racionalidade, que segundo eles mesmos foi consagrada com a Revolução Francesa de 1798 (com seus lemas de “liberdade, igualdade e fraternidade”); isso já não move o mundo e a liberdade não constitui um ideal moral, das coletividades, porque as pessoas são “livres perante a lei”, “tem oportunidades iguais”, são “cidadãos do mundo” porque a democracia burguesa ocidental os fez assim e o capitalismo liberal consagrou essas instituições.

Alegam que “a emancipação do trabalho de forma progressiva tem-se dado já no capitalismo; os trabalhadores são livres para trabalhar em uma ou outra empresa, vivem um processo de qualificação e “tecnificação” da mão de obra, resultante dos processos de automatização”, que praticamente têm deixado de lado as “visões extremistas de exploração e opressão”. “Se bem que o socialismo fracassou, produziu de todas as formas a emancipação do trabalho de forma catastrófica”. Estabelecem que outra das “narrativas” da humanidade que deixou de estar vigente se refere a busca do bem-estar coletivo enquanto assistimos – segundo eles – o “enriquecimento total da mesma (humanidade) através da tecnociência do capitalismo”. Como pode-se ver, uma série de argumentos que só servem aos grandes poderes econômicos e políticos da Terra, ao imperialismo e à burguesia mundial. Por outra parte, referindo-se a nós a arbitrária localização desses conceitos e períodos, inclusive, colocam o cristianismo dentro da modernidade, em oposição ao classicismo antigo.

O que ocorreu com estas chamadas metanarrativas da humanidade?

A pós-modernidade propõe que estas metanarrativas em que se baseia a narrativa da humanidade, foram superadas ou liquidadas, segundo Lyotard, o filósofo francês. Longe de legitimar o projeto de realização da universalidade, ele está se perdendo; tem sido dito que a fonte da legitimação da história moderna é o povo, a partir da Revolução Francesa, mas apontam: “o povo é uma ideia, ao redor da qual existem combates, disputas”. “Eu sou o governo do povo e questiono o seu governo que não é”, “ali está a fonte das guerras civis e ainda das grandes guerras modernas”.

“A pós-modernidade é também o fim do povo como rei das histórias” ...

Como se pode notar, existe o premeditado propósito de esconder, desaparecer ou deformar, o caráter de classe de cada um dos elementos da análise. Sobram as provas para demonstrar que durante o desenvolvimento da humanidade, os povos e dentro deles as classes avançadas, foram em um ou outro momento, os protagonistas das principais mudanças. As rebeliões dos escravos que puseram abaixo o mais poderoso império da Antiguidade, as revoluções na Inglaterra, França, as guerras camponesas da Alemanha, como mostras dos processos que acabaram com o feudalismo; as revoluções proletárias e de libertação social e nacional: na Rússia, China, Vietnã, Lao, Camboja, Cuba e Leste Europeu, que pintaram todo o século XX; a luta dos povos que acabaram com o regime colonial é a negação mais categórica para aqueles que pretendem tirar dos povos seu papel protagonista como fazedores da história.

Para os pós-modernistas, o que ocorre com a luta de classes e com os conflitos sociais a nível mundial?

Para Jürgen Habermas, filósofo alemão ex-diretor do Instituto Max Planck de Stanberg, na sociedade, a luta de classes passou a ser “latente”, se “virtualizou, limitou e de certo modo, se paralisou”. Os antagonismos de classes “já foram neutralizados”.

Basta uma olhada aos quatro pontos cardeais da Terra, ao cada vez mais agudo conflito social que se está produzindo na América Latina e Caribe, Ásia, África, Europa, Oceania, para demonstrar que semelhantes opiniões brigam com a realidade e só se explicam dentro da campanha que por todos os meios o imperialismo impõe a nível internacional, para legitimar sua presença.

Nos anos setenta do século passado se promove toda uma “plêiade” de filósofos, especialmente na França, que se proclamam como os pós-modernos: Jean Maria Benoist, André Gluksmann, Bernhard Henry Levy, Julia Kristeva, algumas de cujas opiniões queremos assinalar aqui e sublinhar os elementos que mais chamam a atenção por seus questionamentos à ciência, à realidade objetiva e que proclamam abertamente a defesa do que está estabelecido, do sistema capitalista.

“O real é pura opressão, não há nada real senão os poderes”, “não há natureza, não há mais que discurso sobre a natureza”, “infelizmente, nenhuma ciência proporciona objetivamente o objeto da objetividade”, “a verdade deste olhar totalitário da verdade, origina o stalinismo, quer dizer o terror do saber, impondo sua ordem exclusiva: o real”.

De que maneira propõe o chamado “fim da história” e a negação de sua periodicidade?

Outro dos alvos fundamentais que os pós-modernistas atingem é a periodização da história e o caráter objetivo desse processo, para proclamar a eternização do capitalismo e seu aparente triunfo; e decretar a morte do socialismo e do comunismo, sua impossibilidade histórica de instaurar-se como a fase seguinte da continuidade do processo de desenvolvimento da sociedade.

Se perguntam os ditos autores: “Podemos seguir organizando a infinidade de acontecimentos que nos vêm do mundo humano e não humano, situando-nos sob a ideia de uma história universal da humanidade, como tem sido a tradição da modernidade?”.

Dizem que: “a modernidade foi concluída porque não se pode seguir falando da história como uma entidade única. A crise da ideia da história, é a crise da ideia do progresso”; logo, facilmente concluem que “senão há um curso unitário das sociedades, muito menos se poderá dizer que avançam para o fim ou que realizam um papel racional de melhoria, não há nenhum resquício para considerar a transformação consciente da sociedade e menos ainda a novas e mais altas formas de organização social e política. (Gianni Vattimo, filósofo italiano).

De que modo se nega o socialismo?

Karl Popper, filósofo alemão e um dos mais destacados pós-modernos defende que “não é possível prever o que virá na história”. Diz que “Marx falou da pauperização cada vez maior dos trabalhadores e eles estão bem pois tem mais produtos para comprar; falou das colônias no mundo, mas estas têm se tornado independentes e até se industrializado”.

Junto com o fim do colonialismo e do imperialismo, a “mass media” (meios e comunicação) têm sido definitivos para quebrar a ideia de história e assim acabar com a modernidade; a sociedade pós-moderna é a da comunicação generalizada, da complexidade e do caos, que não tornaram mais transparente à sociedade.

“A ordem social liberal, que domina hoje sobre a Terra é o mais justo que já existiu e surgiu pela evolução que Marx descreveu”. Argumenta que “o caminho para chegar a mais alta racionalidade é alcançar uma constituição cidadã que afirme o estado liberal democrático, (do capitalismo. N. do A.) fazer uma guerra para dominar algum Saddam que nos ponha em perigo”. Estas expressões aqui assinaladas retratam de maneira muito clara a “lógica” imperialista, agressiva, colonizadora e protofascista destes “pensadores” e os acontecimentos criados pelas potências capitalistas têm seguido ao pé da letra semelhante elaboração.

Simplesmente, Popper está propondo que a humanidade não deve esperar por um sistema que substitua o capitalismo, com sua barbárie, suas guerras e seus estragos. Tem que aperfeiçoar o sistema de opressão e legitimá-lo com uma “constituição” (legalidade) supranacional, que permita às potências fazer a guerra frente a qualquer Saddam que as ameace. Não tem acontecido exatamente assim as agressões contra os povos do Afeganistão e Iraque e as posições ameaçadoras frente a Coréia, Síria, Irã e Cuba, defendendo o que chamam os chefes imperialistas de “cultura ocidental” ou “regime democrático e liberdade”?

“O triunfo da economia de mercado e da democracia liberal” – segundo Popper – “é o auge do desenvolvimento que tem alcançado a humanidade; mas além disso é o aperfeiçoamento dos paradigmas”. “Civilização, é capitalismo mais democracia liberal”.

Especulando com as mudanças que tem ocorrido no mundo de hoje – efetivamente mudanças surpreendentes –, os pós-modernistas tem falado, por exemplo, que os meios de comunicação tem criado uma “explosão e multiplicidade de concepções de mundo, de modo que todas as minorias (étnicas, sexuais, religiosas, culturais, estéticas) têm tomado a palavra dando lugar ao reino do pluralismo e à impossibilidade de que a análise da história da humanidade e seu desenvolvimento possam ter um critério unitário (Gianni Vattimo).

Servem também para fundamentar o chamado “fim da história”. “Deste modo, também se torna mais incognoscível a ideia de realidade...”. E voltamos, então à visão idealista e metafísica de que não é possível para o homem e a mulher conhecer o mundo que nos rodeia, a sociedade humana e o pensamento.

Quando se considera o mundo objetivo como uma derivação da subjetividade, quando se viola o método de induzir da experiência e da realidade e só se compreende como aquela a “existência entre nós” desaparece o problema essencial da filosofia, a relação entre o ser e o pensar.

A partir desta perspectiva filosófica idealista como se definiria a pós-modernidade?

A pós-modernidade, como um estágio específico onde tenha chegado a sociedade, onde a história e as ideologias tenham acabado, só aguarda o contínuo aperfeiçoamento da “civilização” a partir do esforço dos “cidadãos do mundo”, posto que desapareceram as classes sociais, os conflitos têm se neutralizado, onde “vale tudo”, para afirmar e sustentar os triunfos da sociedade ocidental.

Como fica claro de perceber, dita visão idílica, interessada e desfigurada da realidade social do mundo contemporâneo, só existe nos arsenais da propaganda imperialista e muito dificilmente pode convencer os oprimidos do mundo, aos explorados e excluídos, assim como as pessoas honestas e progressistas que essa é a realidade com a qual vivemos.

A concepção da pós-modernidade não dá possibilidade alguma de mudança social, Elimina a ideia de progresso, supõe a reivindicação de um referente filosófico de tipo niilista para o qual a história carece de sentido; além disso, se se descartam as “narrativas”, tampouco se pode acreditar em seus protagonistas, pois se fala de uma verdadeira fusão do sujeito com o objeto.

Existem outros fenômenos do mundo atual com os quais os pós-modernistas especulam? Como eles fazem?

Alguns deles falam como que a sociedade atual “conquistou a identidade pessoal” (o triunfo do eu sobre a coletividade N. do A.) e que isso se transformou em uma “desmotivação pela coisa pública”, o posicionamento geral do hedonismo (doutrina que proclama como o bem supremo da vida a conquista do prazer) (Daniel Bell); a pós-modernidade significa o “auge de sistemas personalizados que exigem maior responsabilidade individual” (por exemplo, o uso de computadores, circuitos fechados de TV, salas de aulas virtuais, sistemas informatizados, celulares, etc. N do A.) e que isso dispersou o sujeito coletivo, a classe social, o proletariado, e que inclusive os mostra como “uma névoa de indivíduos mutantes para quem a grande tarefa não é tomar o poder, mas sim recuperar o poder sobre sua própria vida”. “A alternativa aos problemas da atual sociedade não é a autarquia, nem o socialismo” (André Gorz).

Semelhantes juízos não podem resistir a uma verdadeira análise filosófica e científica a respeito das mudanças atuais no mundo. De que ponto se conquistou a identidade pessoal agora, quando existem milhões de desocupados, trabalhadores com baixos salários, famílias sem-teto e sem-terra; imigrantes que se movem na geografia do planeta em busca de alguma oportunidade, realizando trabalhos miseráveis, afastados de seus países, de suas famílias; quando existem milhões de excluídos e refugiados, discriminados, “meninos de rua” abandonados, abusados e prostituídos pelas redes de pornografia infantil, ou eliminados em grande quantidade pelos grupos criminosos pagos por poderosas empresas, que querem limpas as praias ou lugares turísticos de vagabundos, desocupados ou crianças indigentes?

A satisfação dos prazeres banais, a preguiça, o vício em drogas, o alcoolismo, pornografia, promiscuidade sexual, etc. são as marcas de uma sociedade decadente, como é a sociedade capitalista; as práticas discretas ou escandalosas da burguesia, que tenta sempre envolver especialmente a juventude de nossos povos, não têm podido acabar com a dignidade e a aspiração de um futuro melhor que querem a maioria dos seres do planeta. Nesses vícios não estão incluídos os milhões de seres do planeta, os trabalhadores, a juventude estudantil, os indígenas e camponeses, as mulheres pobres, os professores, os intelectuais e artistas honestos. Aqueles que precisamente trabalham com sistemas individualizados informatizados e eletrônicos, mas que são suscetíveis de mobilizar-se para rejeitar uma guerra imperialista, a infame globalização econômica e a agressão cultural, a espoliadora dívida externa, a devastação do meio-ambiente, a violação dos direitos humanos, etc.

Também se tem dito que com o pós-modernismo “os homens se dividem pela forma em que empregam seu tempo livre, pelo dinheiro que dispõem para gastar, pelo tipo de prazeres e práticas que realizam”.

O indivíduo é “livre e flutuante” e as ideologias “duras” estão sendo “excluídas”.

De que maneira todos esses juízos têm conexão com o idealismo?

É fácil encontrar nestes pensamentos todo o conteúdo positivista de Kant, o esteticismo de Nietzsche, o pensamento filosófico burguês de Comte, Max Weber e o tratamento “independente” que propõe nas diversas esferas da sociedade, para chegar a uma visão – óbvio – fragmentada e desconexa da mesma.

O pós-modernismo se expressa no campo da pedagogia?

No âmbito da pedagogia o pós-modernismo tem se expressado na corrente construtivista, que está muito fragmentada e cujos segmentos mais reacionários chegam a negar a validade e a utilidade da ciência; enquanto segmentos mais conciliadores têm falado do “dogmatismo” e “autoritarismo” do método científico.

O construtivismo se nega a aceitar qualquer influência da luta de classes no processo de construção do saber e afirma que não é real que as ideias expressam um ponto de vista de classe; descarta a influência do meio como um fator determinante para o ensino.

O construtivismo movido nas esferas oficiais pretende converter a política educacional em uma confusão de planos e programas, que buscam diminuir a ênfase no cognoscível para prestar mais atenção ao afetivo e à convivência, abrindo uma janela para a utopia e os sonhos.

“O conhecimento se constrói, não se descobre”, dizem, na intenção de negar as leis objetivas do desenvolvimento da sociedade e do pensamento; levantar a ideia de “leis intersubjetivas” construídas por uma comunidade científica, não descobertas, que não expressa a regularidade objetiva de uma realidade, senão

determinado estado da mente humana. A subjetividade, aberta ou com restrições, é o postulado essencial em que se fundamenta o construtivismo.

Qual é a tarefa atual que devemos assumir frente as diversas concepções do pós-modernismo?

Antes de tudo, devemos assumir que o marxismo-leninismo, como concepção científica se desenvolveu desde suas origens em contraposição abertas às correntes burguesas e oportunistas em voga, contra o idealismo e a metafísica, contra o empirismo. Nisso reside a fortaleza de seus postulados, que não são dogmas imóveis e muito menos receitas aplicáveis a todas as situações.

“O marxismo é a análise concreta da realidade concreta”, “... não é um dogma, mas sim, um guia para a ação”, “é uma ciência e como tal exige que o trate”, são algumas das frases sentenciosas que seus principais representantes apontaram em seu momento, para erradicar as concepções do proletariado revolucionário qualquer couraça que pudesse estratificá-lo ou fossilizá-lo.

O esclarecimento do caráter de classe burguês e imperialista que tem as concepções pós-modernas é uma tarefa atual, pois estamos vendo como tais elaborações teóricas estão legitimando os crimes e os ultrajes das potências imperialistas e da burguesia; como os pressupostos teóricos pós-modernistas buscam a todo custo esconder os antagonismos de classe, adocicar o capitalismo, para propor a linha seguida de sua eternização.

Mas para levar adiante uma luta teórica e prática (ideológica e política) contra esta nova variante do pensamento da burguesia, em todos os âmbitos em que se apresenta: a arena política, o movimento social, o fórum, a academia, a escola, na arte e a cultura, é necessário que os revolucionários, os homens e mulheres de esquerda, democratas e progressistas, nos dotemos dos elementos essenciais da concepção filosófica e científica, dos fundamentos do marxismo-leninismo, para que com eles possamos combater a favor da razão, da ciência, da revolução e da liberdade.

Quer dizer que a “luta de ideias” deve enfrentar e contrapor as visões metafísicas, subjetivistas e idealistas que servem ao imperialismo e à burguesia, as análises científicas da sociedade, deduzidas da prática avançada, que estejam inspiradas na necessidade de mudança, que tenham como objetivo não só a interpretação correta, senão a transformação revolucionária da realidade.

Novembro de 2003.